



Director literario:

Atchafes
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

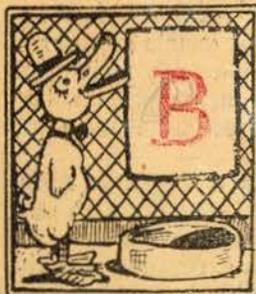
Director artistico:

Eduardo Malta
PAPUSSE

TATINHA E BATACA

Por AUGUSTO DE SANTA-RITA

DESENHOS DE EDUARDO MALTA



BATACA era um garoto de côr, um pretinho de oito anos, que o papá de Tatinha—menino loiro e muito branco,—havia trazido de Africa por ocasião da última viagem que, como official de marinha, fôra obri-a fazer

Sem pai nem mãe, Bataca, em Africa, sofria tratamentos de polé, maltratado pelos outros pretos que nas roças se utilizavam dele para excessivos carregamentos de cortiça, cacau, café, aguardente, em troca de escasso alimento.

Foi, portanto, com alvoroçada alegria que Bataca acolheu a promessa que o pai de Tatinha lhe fizera de o trazer consigo para Portugal, país que nunca vira mas que sabia ser terra de gente branca.

Seis dias antes da largada do grande vapor que o pai de Tatinha comandava, mandara este fazer-lhe um fato de linho branco com botões dourados e um lindo «bonet» de pala que Bataca estreou pouco antes da hora da partida.

A «mascotte» do *Bérrio* — assim se chamava o barco, — ficou sendo o Bataca. Constantemente se ouvia a marinagem chamando-o, com benévolo e franco acolhimento:

— «Eb, Mascotte... — Vem cá Mascotte... — Viva a Mascotte do *Bérrio*!...»

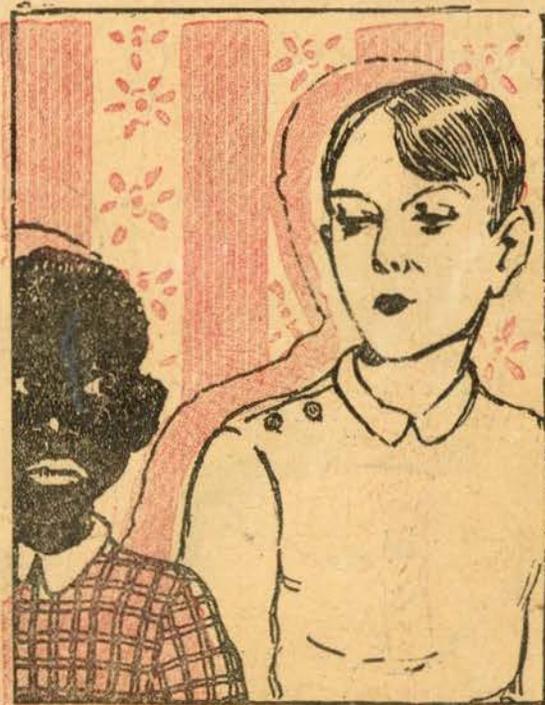
Durante os vinte dias que a viagem durara, Bataca viveu no céu. Comia e bebia bem, entretinha-se a vêr os peixes boiando, por vezes à tona de água, as gaivotas riscando o azul do céu e, quando em quando, o litoral duma ilha entre a bruma dum longínquo horizonte, até que o sono o vencia e se deitava a dormir em fôfa caminha no

luxuoso beliche do rico «sôr» comandante.

Ao vigéssimo dia de viagem, porém, o pretinho Bataca — (surpreendendo um ar radiante na expressão do seu amo que, de binóculo assestado à flor dos olhos, murmurava sorrindo: — «a Barra, a Barra; finalmente o Tejo!...» —) percebeu que prestes chegaria a hora do desembarque. E não se enganava. Em menos de meia hora o vapor atracava.

Dois minutos depois, uma senhora envolta num

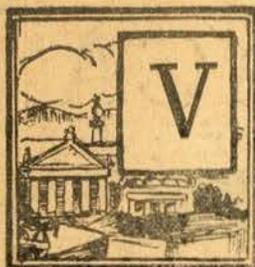
(Continua na pagina 4)



NÃO SEJAMOS AMBICIOSOS

POR Maria Aliete da Graça Nery

DESENHOS DE E. MALTA



VIVIA alegre e feliz, em uma aldeia ignorada da linda província algarvia, um homem, não tendo como riqueza mais além do que os seus possantes braços para o trabalho. Tinha mulher e filhos e embora o produto do seu trabalho tivesse sempre chegado para manter a família, um dia, comparando o seu viver humilde com o dos grandes senhores da cidade, sentiu-se dominar pela inveja, e, desde então, o desejo de se tornar como eles, de ter uma vida luxuosa, sem cuidados e isenta de quaisquer privações, tornara-se nêles tão grande que nem já podia trabalhar.

Levara os dias a meditar no que êle chamava a injustiça de Deus! — Ser rico — eis a ambição daquele homem que até então, vivera alegre o despreocupado. Agora, pensativo e quâsi feroz, êle nem já pensava que os filhinhos tinham fome e no dever que tinha de obter o seu sustento.

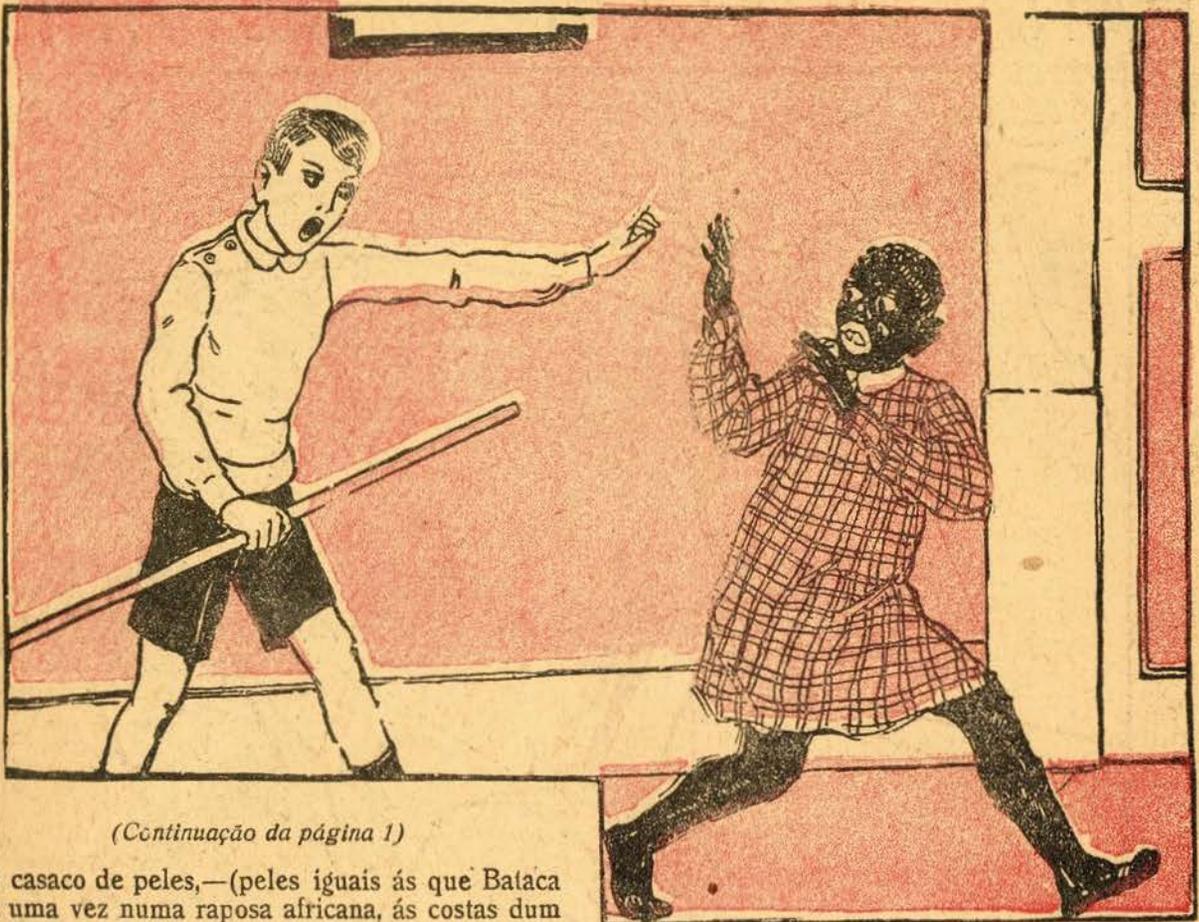
Um dia, como muitos, em que êle intimamente blasfemava a Deus, ouviu, repentinamente, alguém a chamá-lo. Voltou-se e viu um mancebo trajando ricamente e que em vóz carinhosa lhe perguntou o que desejava. Eu, — diz o nosso homem — queria ser rico. Se tudo, quanto eu tocasse, se transformasse em ouro seria feliz, nada mais ambicionaria!... Sorriu-se o mancebo, lamentando o pedido do ambicioso e disse-lhe: Terás o que desejas!

Calcule-se o espanto e alegria do trabalhador quando, ao pegar no ramo de uma árvore, êste se transformou em ouro!... Entretanto sentiu sede e, pegando na bilha com água, disse: Pela última vez beberei por esta bilha; de ora avante eu só terei cristais e pratos, só me alimentarei de finas comidas... Mas ai! a água transformara-se também em ouro, e só nêste momento o homem viu quanto tinha sido louco o seu pedido. Sem água, sem pão, como poderia êle viver? De que lhe serviria aquele metal maldito se não podia alimentar-se com êle? — A angústia do pobre homem foi enorme! — Ele recordava saudosamente os momentos em que rodeado dos seus, saboreava as sopas de pão negro que a mulher lhe preparava para a ceia! Como era feliz, então!... Como desejava poder voltar à mesma vida, trabalhando sim, mas tendo com que satisfazer as suas necessidades.

— Nisto acordou. — Fôra tudo um sonho!... Oh! exclama êle, alegremente, como eu agora saberei amar a minha vida de trabalho!



■ F I M ■



(Continuação da página 1)

rico casaco de peles,—(peles iguais ás que Bataca vira uma vez numa raposa africana, ás costas dum caçador que a matara)—abraçava, chorando de alegria, o rico «sôr» comandante, ao mesmo tempo que uma velhinha de bondoso sorriso, erguendo um menino de olhos muito azúis, vestido como os marujos do *Bérrio*, o abraçava também.

Entraram em seguida para um automóvel onde Bataca tomou também assento ao lado do «chauffeur» e donde, dez minutos depois, se apiaram os quatro, para darem entrada num palacete luxuoso, em cujos degraus de um «hall», uma alcatifa, vermelha, amaciava o piso.

Pouco tardou que o menino, á maruja, não viesse á cosinha observar e interrogar o pretinho, entre a galhofa dos criados que, quanto mais tímido e embaraçado punham o recémvindo hóspede, mais á vontade e atrevido tornavam a mimalha criança, que todos tratavam pelo menino Tatinha!

Mas, decorridos dois dias, já Bataca saltava no jardim, ora jogando o eixo com Tatinha, ora escondendo-se d'ele aos gritos de... *hijá, hijá!*... numa expansiva alegria própria das suas idades. Porém, ao fim das brincadeiras, o pobre Bataca acabava sempre por chorar, vítima das tropelias do mau Tatinha que o insultava, á mais pequena coisa, chamando-lhe preto e, muitas vezes batendo-lhe.

A sua carapinha fazia lembrar a astracan da gola do sobretudo castanho do senhor comandante quando este se vestia á paisana para sair a passeio. É, coincidência curiosa, a fazenda do sobretudo era perfeitamente da cor da sua pele.

Tatinha, que nunca perdia ocasião de fazer espírito á sua custa, insinuou-lhe um dia, maldosa-

mente, para o ver de fel e vinagre, que o pai o havia mandado fazer no alfaiate com as sobras do seu sobretudo e tão depressa o tratava por borrão de tinta, como por Tição, pau-preto, bonbon sédiço, ameixa sêca e quejandas alcunhas que o maguavam e feriam profundamente.

Então, Bataca, sentia afluir-lhe á cabeça, a refferer de revolta, todo o sangue ardente da sua raça escrava de um preconceito, não menos inteligente e generosa, embora menos civilizada e culta, do que a raça branca.

As órbitas dos seus olhitos vivos, espertos, imensamente expressivos, como os do macaquinho que no quintal do Tatinha, servia também de pretexto para que este fizesse comparações vexatórias, amarelavam-se, incendiavam-se e faíscavam como os olhos de um gato assanhado, ou como o céu em dias de trovoada, até que, após a explosão de um ribombar de palavras confusas e sêcas:

—«*Tiçõ é nome de cão... pretinho também ser gente!...*» uma chuva de lágrimas lhe banhava o rôsto.

Mas Tatinha não se apiedava e, rindo à gargalhada, acrescentava em atitude arrogante:

—*Não chores, preto escarumba olé, que inda te fazes mais feio!*

Precisamente no instante em que Tatinha acabava de proferir tais insultos, a boníssima avó do Tatinha, appareceu entre portas e, tendo ouvido e presenciado tudo através a vidraça entreaberta, chamou ambos com ar bondoso e grave. Depois,

sentando-se num «maple» de veludo azul, seu lugar predilecto, e aconchegando ao seio a cabecinha negra de Bataca, principiou ralhando, rispidamente, ao Tatinha:

— Tatinha, o que tu disseste e fizeste ao Bataca

chora por vêr que ha meninos que têm a alminha negra, mais negra que o seu corpinho, meninos maus como tu. Vá, pede-lhe perdão. Se te não arrependes do mal que lhe fizeste, um dia, quando a Alminha de Bataca no céu se transformar num



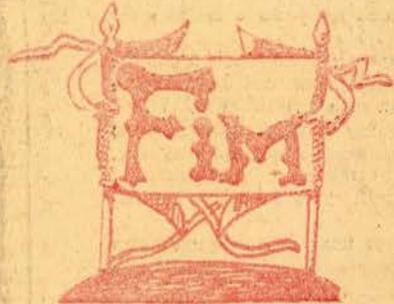
foi um grande pecado! Pecado de que o Menino Jesus te pedirá um dia severas contas. Pede-lhes, pois, perdão; perdão ao menino Jesus e ao menino Bataca que, sendo pretinho de corpo, é tanto como tu.

O preto não é mais feio que o branco. O dia não é mais belo que a noite! A Beleza é o Amôr que puzemos naquilo a que habituámos os olhos! A Beleza varia conforme os olhos que a vêem! Há só uma coisa feia: — é a Alma sem Amôr.

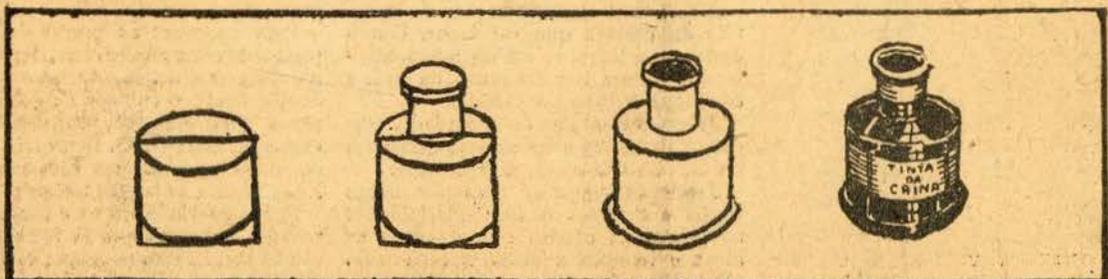
Alma é a Vida que em nós palpita e que não morre! Amôr: — a Bondade que é nas almas o mesmo que é nas flôres o perfume.

Bataca não chora por ser pretinho, chora por ti. Sem saber porque chora, chora o teu desamôr,

Anjo muito branco, imensamente lindo, a tua irá para o Inferno e tornar-se-ha num diabinho negro. Vá... pede-lhe perdão.



Como se aprende a desenhar



COMO A MIMI VESTE A SUA BONECA

POR
MORENITA

Desenhos da Autora

Como na camisa-calças, risca-se primeiro em papel, empregando a mesma moeda ou o mesmo botão que se empregou na camisa-calças para o recorte ser do mesmo tamanho.

Risca-se então no papel (Fig. 1) prega-se no pano que será igual e da mesma cor da camisa-calças e risca-se um lado depois corta-se mais um bocadinho no papel para fazer o decote maior, e risca-se então do outro lado (esta será a parte da frente).

Faz-se o recorte com a mesma linha e por ultimo a guarnição igual. Recorta-se então, fecha-se dos lados como na camisa e teremos a primeira combinação da nossa boneca.

Agora que já temos uma «parure» ou um jogo como se diz em português, vamos fazer outro ainda mais moderno e, talvez mais elegante.

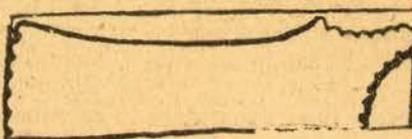
Façamos então primeiro em papel o risco. No papel que sobeja riscamos as duas alças (Fig. III). Quanto mais estreita for a alça mais chic é.

Depois, como fizemos para a camisa-calças, risca-se no pano e faz-se o recorte.

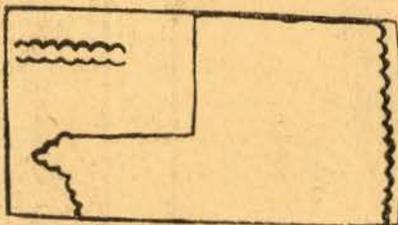
Despegamos um pouco mais a camisa das calças, fechamos dos lados como fizemos na camisa e ficará (Fig. IV).

As alças, nas pontas embainham-se (Fig. V). Enfiamos agora uma agulha, damos nó na linha e com ponto adiante miudinho, franzimos as calças nas ancas (Fig. VI).

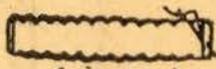
Como veem para franzir puxamos a linha até estar o pano do tamanho que queremos (Fig. VII).



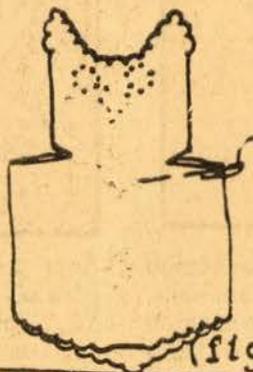
(fig 1)



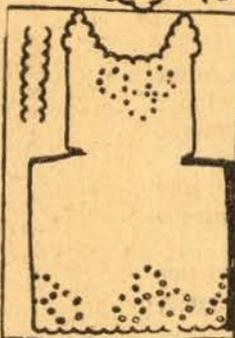
(fig 3)



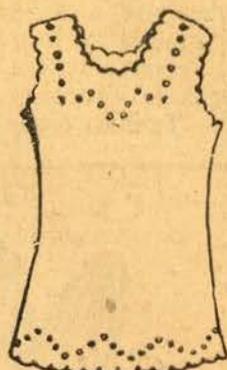
(fig 5)



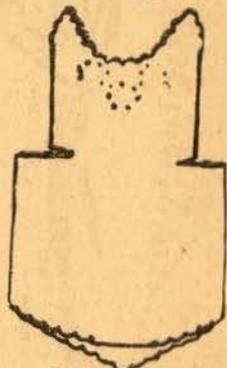
(fig 6)



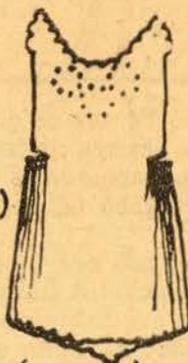
(fig 9)



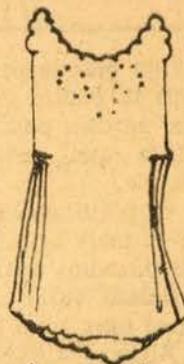
(Fig 2)



(fig 4)



(fig 7)



(fig 8)



Use-se o pano das calças ao da camisa e com ponto atrás prende-se (Fig. VIII); quanto menos pano se apanhar tanto melhor.

Tomamos então uma tirinha do mesmo pano, a qual dobramos, tudo em volta um bocadinho, vincando com o dedal para segurar, ou alinhavando (alinhavar é segurar com ponto adiante largo).

A tira será estreitinha e só do tamanho da costura que vai tapar. Com o dedal ou o ferro, se estiver aceso, abrimos a costura que acabamos de fazer e cosemos a tirinha por cima.

Fazemos o mesmo do outro lado, pregamos os botões e fazemos as casas, em baixo, como na outra, para abotoar.

Tomamos agora as fitas que temos iguais e cosamos as suas extremidades aos bicos da camisa para fazerem as alças e teremos a nossa boneca mais chic. Para fazermos a «Combinação»,

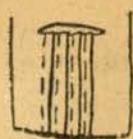
antes de cortarmos o recorte, faremos na saia a respectiva guarnição, que será igual á do corpo e á da camisa-calças, (Fig. IX)

Depois faz-se tudo exactamente como naquela. Como veem a nossa boneca está bonita.

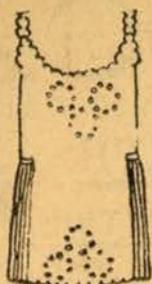
Em vez de franzido podíamos fazer pregas. Para isso fazem-se as pregas no pano que se franzia.

Para fazermos as pregas dobra-se o pano sobre si e alinhava-se, depois torna a dobrar-se e a alinhavar-se e assim por diante tendo o cuidado de dobrar sempre a igual distancia para as pregas ficarem certas (Fig. X). Depois faz-se exactamente como se fez com o franzido. Empregando as pregas teremos (Fig. XI)

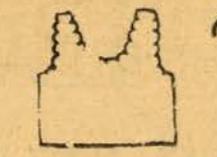
Podemos ainda cortar o corpo em separado. Supondo que já temos o corpo vamos fazer a camisa-calças, cortamos as calças como até aqui mas um pouco



(fig 10)



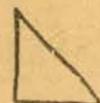
(fig 11)



(fig 12)



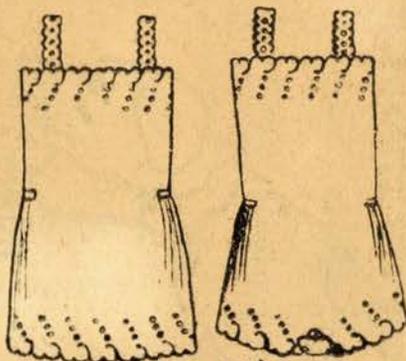
(fig 17)



(fig 18)



(fig 13)



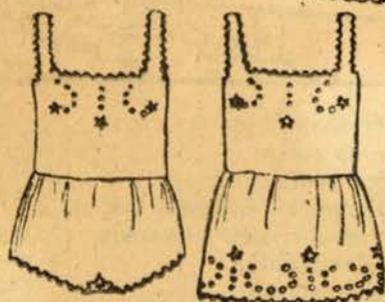
(fig 14)



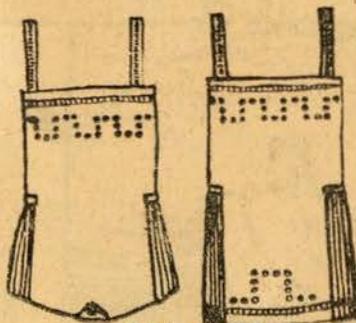
(fig 19)



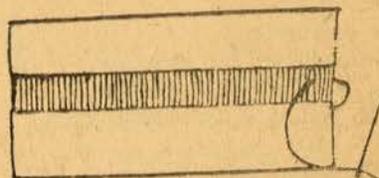
(fig 20)



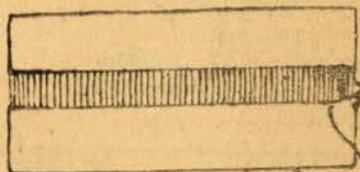
(fig 15)



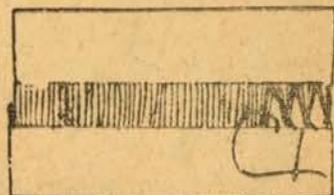
(fig 16)



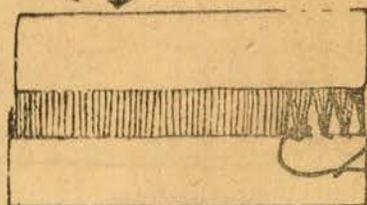
(fig 21)



(fig 22)



(fig 23)



(fig 24)

largas que o corpo (Fig. XII); depois de as termos fechado e recortado franzimos na cintura em tudo em volta até dar a largura do corpo (tendo o cuidado de franzir muito pouco na frente, onde ha-de ficar mais franzido é dos lados) depois prende-se a este conforme temos feito com costura e sobre costura e ficará (Fig. XIII). Para a

COMBINAÇÃO

Riscamos tambem o corpo em separado da saia. A saia será uma tira de pano quasi com o dôbro da largura do corpo a largura depende da roda que se lhe queira dar. Depois de termos o recorte feito, recortamos, fechamos o corpo e a saia, pregamos as alças franzimos a saia até dar a largura do corpo e unimos este á saia como na camisa-calças.

Aqui poderiamos em vez de franzidos fazer pregas, para isso cortava-se a tira para a saia com o quadruplo da largura do corpo, faziam-se as pregas e pregava-se então a saia ao corpo.

Para que as pregas se não desmanchem logo, antes de tirarmos o alinhavo devemos borri-fa-las e passa-las com um

ferro bem quente, só depois disso se tiram os alinhavos, tornando a passa-las para desvanecer os buracos feitos pela linha tendo muita cautela para as não desmanchar.

Ha jogos muito lindos, veem aqui alguns (Fig. XIV, XV e XVI) onde poderemos escolher.

O primeiro tem no meio das alças uma carreira de furos e de dois e dois o recorte prolongado. Isto é ao riscarmos em volta do botão ou moeda em vez de riscarmos até ao meio prolongamos o risco em volta (Fig. XVII).

Os furos repetem-se por baixo desses recortes prolongados.

O segundo tem o recorte em bico. Para ficar certo dobramos um papel ao meio e cortamo-lo em forma de triangulo-retangulo (Fig. XVIII) abrimos o papel e riscaremos num papelão um igual cortamos o papelão e riscaremos na fazenda o recorte servindo-nos dele, e claro que aqui tambem se tem que fazer um segundo recorte, (Fig. XIX).

Quanto ás estrelas que o guarnecem são tudo quanto ha de mais simples; (Fig. XX).

O terceiro tem a guarnecço «ajour» Para fazermos «ajour» tiramos alguns fios na fazenda, com auxilio de um alfinete ou agulha, a quantidade depende da largura que se queira dar ao «ajour».

Começamos por contar alguns fios fazendo passar a agulha por entre eles de maneira que fique a linha a prendê-los em volta, torna-se a levar a agulha atrás vindo sair no mesmo sitio mas desta vez espetada no pano (Fig. XXI, XXII, XXIII e XXIV), e assim até ao fim, contando sempre o mesmo numero de fios. Depois faz-se o mesmo do outro lado, aqui não é já preciso contar os fios pois apanham-se de cada vez os que estão apanhados já, do outro lado.

PELA BÔCA...

Por ANIBAL NAZARETH

DESENHO DE EDUARDO MALTA

Uma vez, certo menino
muito fino
e engraçado,
estando sentado no chão
a fazer a barba ao cão
foi pela mãe apanhado!

Ralhou a mãe ao menino
que é ladino
e atrevido...
E o menino desmentiu,
com firmeza,
disse que a mãe tal não viu,
disse que a mãe concerteza
se iludiu!



O menino, não fez caso
e ao acaso
foi mentindo...
Foram-lhe os dentes caindo,
e essa criança engraçada
foi mudando,
aparentando
uma velha desdentada!

.....
Não deve haver quem se queixe
se tiver tão pouco tino
como teve este menino!
—: «Pela bôca morre o peixe»,
se nadar com desatino!...

Ia a mãe, já exaltada
e zangada,
para bater no menino
tão ladino
e intrujão,
quando pasmou: — de repente
caiu ao menino um dente
a seus pés, no meio do chão!

E disse a mãe ao menino
que chorava pelo dente:
— Meu filho, tem muito tino!
Foi um castigo excelente
que te ha-de sempre servir,
sempre que vás a mentir
e dês por falta do dente!

